



## Mito. Lenda. Referência. Cartier-Bresson é tudo isso, ou mais, para a fotografia

4 Bola Teixeira

**É** quase impossível achar alguém que negue seu talento. Ele é único. Se bem que a realidade poderia ter sido bem outra. Na adolescência, tudo parecia conspirar para Henri Cartier-Bresson se tornar um pintor. Motivos não faltaram: a influência do tio artista, Pierre; as freqüentes visitas ao ateliê do tio; o hábito de visitar exposições; e o ingresso na academia de artes de André Lhote, onde absorveu todos os conceitos teóricos da pintura e os ensinamentos do mestre, sendo um deles a insistente recomendação para pesquisar referências.

O jovem Henri Cartier-Bresson seria naturalmente um pequeno-burgues, sucessor de seu pai nos negócios. Não foi. Com as influências do seu período de adolescente, o cerco se fechou em torno da possibilidade de virar pintor. De Lhote ele aprendeu que sem composição não há salvação. Outro ensinamento que o contaminou foi a geometria. Por fim, o definitivo conceito de que não há liberdade sem disciplina.

Só que havia um detalhe que impedia o jovem Cartier-Bresson de mergulhar de cabeça nas artes plásticas: seu comporta-

mento irrequieto, incapaz de permitir que ficasse meditando sobre uma tela para chegar ao resultado final. Envolveu-se com o surrealismo de André Breton e, aos 23 anos de idade, viaja para a Costa do Marfim, onde experimenta poucas e boas, inclusive conversando de perto com a morte. Quando retorna dessa viagem radical, decide ser fotógrafo, para o desgosto de seu pai. Afinal, fotografia naquela época era sinônimo de diversão. Na verdade, um *hobby*. Apesar de vários pintores de formação terem optado pela fotografia

“ Se o bom Deus quisesse que se fotografasse em 6x6, ele teria colocado nossos olhos na barriga ”

**David "Chim" Seymour e Henri Cartier-Bresson trocam irônico aperto de mãos durante um trabalho de cobertura para o jornal *Ce Soir***

(Daguerre é um deles), essa arte visual era considerada uma espécie de bengala para os pintores mal-sucedidos.

Pouco importa. A decisão estava tomada. No início dos anos 30, o que era um passatempo começa a ser visto com outros olhos após as primeiras exposições. Man Ray era a referência de fotógrafo de arte, enquanto André Kertész era considerado o mestre do fotojornalismo. As primeiras obras de fotógrafos que HCB viu foi na casa de seus amigos norte-americanos, os Powel. Eram imagens de Eugene Atget e Kerész. Há uma imagem que o impressionou e o influenciou de forma definitiva. Ela é assinada por Martin Munkacsy, antigo fotógrafo esportivo, e mostra três adolescentes negros e nus vistos de costas, correndo para as águas do lago Tanganica. Ela representa tudo que atrai HCB - senso de composição, movimento, juventude, energia e velocidade.

Sua impressão sobre a imagem, segundo seu biógrafo, Pierre Assouline, autor do livro *O olhar do século* (veja mais sobre o livro na página 37): "Bom Deus, podemos fazer isso com uma máquina. Senti como que um pontapé na bunda, vamos, vai!".

E ele foi. Em **1932** compra sua primeira Leica, câmera que se transformaria na "extensão do seu olhar". É a câmera ideal para responder ao seu estilo ágil de fotografar. Sempre ou, preferencialmente, com uma 50mm. Seu olhar: eternamente em preto e branco. Bem mais tarde, quem o definiu de forma precisa foi o jornalista Claude Roy, que o chamou de "homem invisível que clica à queima-roupa". Com seu temperamento autêntico, HCB poderia perder o amigo, mas não deixava de falar o que pensava das coisas. O fotógrafo Roberí Doisneau sofreu com um comentário a respeito de sua Rolleiflex: "Se o bom Deus quisesse que se fotografasse em 6x6, ele



David Seymour/Magnum/Diágnose

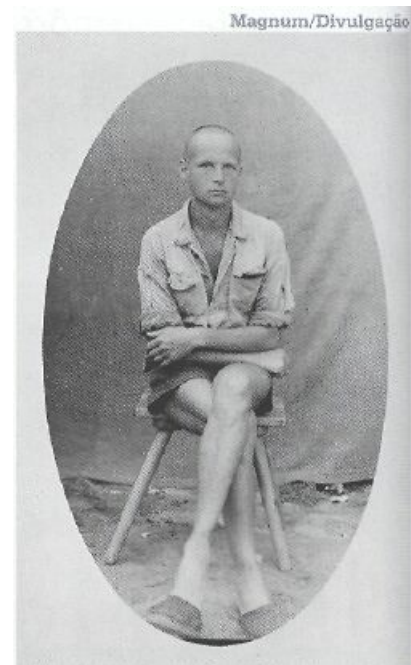


Jim Surte/Divulgação

Para sua surpresa, o fotógrafo toma conhecimento de que está sendo organizada em Nova York uma exposição póstuma

teria colocado nossos olhos na barriga. É incômodo olhar as pessoas pelo umbigo. E depois que você se curva, só falta emendar o Pai-nosso", disse. Apesar da grosseria, Doisneau continuou seu amigo.

Durante os anos 30, Bresson não sossegou. Viajou para os EUA e México. Fotografou para a esquerdista publicação *Ce Soir*, fez a cobertura da Guerra Civil Espanhola, não como fotógrafo, mas como cinegrafista, enquanto seus amigos Robert Capa e David "Chim" Seymour fotografavam; participou como assistente (e figurante) em dois filmes de Jean Renoir (*Passeio ao campo* e *Regra do jogo*), até chegara 2ª Guerra Mundial e ele ser trans-



Acima, Bresson prisioneiro dos alemães, em 1942; Ao lado, o francês cobre os primeiros passos da revolução comunista na China, em 1948

formado em prisioneiro dos nazistas, sem antes enterrar sua Leica num local seguro. Foram três intermináveis anos de cárcere, duas tentativas de fuga frustradas e uma terceira, bem-sucedida.

Resgatada a Leica, Bresson registra toda a movimentação do pós-guerra em Paris. Sua influência surrealista dá lugar à reportagem e uma paixão especial pelo retrato. Sua visão do retrato, segundo Assouline: "Transcrever não a expressão de um rosto, mas as vibrações de uma alma. É preciso intuir a pessoa, já chegar com uma idéia e confrontá-la com o que é visto, correndo o risco de desapontamento. É preciso não conhecer demais o retratado, é



Ara Guler/Magnum/Divulgação

O jornalista **Claude Roy** elaborou a melhor definição de HCB: "O homem invisível que clica à queima-roupa"

a melhor maneira de revelar a humanidade por trás do homem". Mais: "É preciso antes conhecer sua obra, avaliá-la, assimilá-la e abandoná-la para que o instinto não fique preso à inteligência. Ler seus livros, olhar seus quadros, ouvir sua música, e não apenas folhear, ver e escutar. Depois, desfazer-se de tudo e viver com ele em seu ambiente, respirar o mesmo ar que ele e impregnar-se de sua atmosfera, sempre se fazendo esquecer. Isso exige nunca passar instruções e evitar posar".

Para sua surpresa, o fotógrafo toma co-

nhecimento de que está sendo organizada em Nova York uma exposição póstuma. Os norte-americanos presumiram que HCB havia morrido na 2ª Guerra Mundial. Não pensou duas vezes. Viajou para Nova York com o objetivo de conferir a exposição. Recebeu elogios da *Time* e da *Harper's Magazine*, e uma conclusão, de acordo com Assouline: a máquina fotográfica fora inventada para Cartier-Bresson, sagrado assim o mestre da nova visão.

Sempre grato ao reconhecimento do seu talento pelos norte-americanos, HCB



## O pensamento de Cartier-Bresson

### SOBRE AS FOLHAS DE CONTATO

Não existem dois pesos e duas medidas na Magnum. É mais perigoso ainda mandar os contatos dos outros fotógrafos da Magnum para que as revistas os editem porque eles não terão a mesma possibilidade de recurso junto a elas se não concordarem com suas escolhas, se é que terão tempo de fazê-lo antes que as edições sejam fechadas. As folhas de contato, por mais fascinantes que sejam, são um monólogo interior cheio de restos, restos inevitáveis, pois não estamos despetalando flores num salão. Esse monólogo interior não pode ser dito em voz alta a qualquer juiz. Quando falamos, escolhemos nossas próprias palavras. Em princípio, uma boa foto não diz nada do trabalho levado por aquele que a tirou. Ela dissimula sua construção. Só a folha de contato a denuncia, revelando seus trabalhos de aproximação, sua hesitação, seus remorsos

### SOBRE O REENQUADRAMENTO

Sem chance. Seria desordenar o real, ser infiel ao que foi visto. O instante decisivo não é montado na câmara escura

### SOBRE A ENCENAÇÃO

Não se pode organizar a realidade. Sem chance

### SOBRE O FLASH

O flash destrói as ramificações secretas que existem naturalmente entre o fotógrafo atento e seu objeto. Não devemos chicotear a água antes de pescar



## A frase: "Hoje com a imagem digital, podemos ter Cartier-Bresson sem Cartier-Bresson", de um crítico de fotografia, deixa HCB irritado

parte para uma viagem pelos EUA, cujo resultado seria a produção de um livro, livro esse que só seria publicado em 1991. Era 1947, ano de fundação da Magnum Photo Inc., uma antiga idéia de seu amigo, o engajado Robert Capa. HCB esteve ausente no ato de fundação, no mês de maio daquele ano. Com a Magnum, o fotógrafo tem seus interesses defendidos: é proprietário de seus negativos, tem direito de venda dos trabalhos, assegura sua independência. A idéia é de uma cooperativa sem patrões. Os fundadores: Capa, Chim, HCB, George Rodger e William Vandivert, que logo saiu.

Dos EUA, Bresson parte rumo à Índia, onde fotografa Gandhi momentos antes da sua morte e, também, seu funeral. De lá,

em 48, segue para a China, num momento de transformação histórica, depois para Hong Kong, Cingapura, Indonésia...

Chega o momento de editar seu primeiro livro, pelas mãos de Tériade, velho conhecido e incentivador, editor de arte que se associa ao nova-iorquino Richard Simon, da editora Simon and Schuster. O nome do livro: *Images à la sauvette*. Tériade insiste para que HCB faça o prefácio. Ele resiste, mas acaba produzindo um artigo, aclamado pela crítica norte-americana como um dos textos mais inteligentes e lúcidos jamais escritos sobre fotografia. É do fotógrafo Walker Evans a frase "ele tem algo de bastante raro para um texto do gênero: está totalmente desprovido de idiotices e ego", em resenha publicada no *New York Times*. Não é para menos. O prefácio tem o título: *O instante decisivo*. A força do título e o conteúdo do texto fazem com que a edição norte-americana do livro seja alterada para *The decisiva moment*. HCB jamais se separa de sua Leica. Seja qual for a ocasião, ela sempre está a tiracolo, o que faz Assouline concluir: "Dessa atitude, somente dessa atitude, é

que pode nascer o instante decisivo. Sem essa disponibilidade a todo instante, o momento que gostaríamos de fixar pode desaparecer para sempre".

Nos anos 50, Bresson perdeu dois de seus melhores amigos: Capa e Chim. Primeiro Capa, que em 1954 morre ao pisar numa mina na Indochina. Dois anos depois, Chim também morre, no Egito, metralhado por um soldado. Soma-se a esses dois episódios a crise que começa a surgir dentro da Magnum, sua verdadeira casa, da qual se desliga em 1966. Coerente com seu temperamento, o imprevisível HCB, ou "Em Rit Ca-Bré", como era também conhecido (Ca-Bré é um trocadilho para "rebelde, arisco". Em-rit-ri-se), anuncia sua aposentadoria e retorna às suas origens, o desenho.

O comportamento de HCB ao renegar a fotografia incomoda seus seguidores. Como afirma seu biógrafo: "Vários de seus colegas ficaram irritados. Seu gosto pela provocação e por frases cortantes, quando não insultantes, conjugado a um caráter impulsivo, às vezes disparatado, não ajuda a resolver as coisas. Alguns que dizem conhecê-lo se dizem desorientados pelo



**Cartier-Bresson** reenquadra sua foto do funeral de um ator do teatro kabuki, em exposição no Museu do Louvre, em 1966



Tériade, responsável indireto pelo *Instante decisivo* de Bresson, parece não gostar dos desenhos da nova fase artística do fotógrafo, em 1974

Martine Franck/Magnum/Divulgação

que acreditam ser uma renegação. (Mas conversas, o nome de Cartier-Bresson, antes evocado com a admiração devida a um mito vivo, agora é associado a traição. Acusado de cuspir no prato que comeu. Começou a citar pintores e ignorar fotógrafos. Em sua casa, nas paredes há desenhos, gravuras e quadros, mas nem uma única fotografia".

Para piorar ainda mais as coisas, a fotografia passa por transformações radicais

com o advento da tecnologia digital. Uma frase de um crítico de fotografia, em 1998, deixa Bresson extremamente irritado: "Hoje com a imagem digital, podemos ter Cartier-Bresson sem Cartier-Bresson".

Para um bom, ou até médio, observador de fotografias, é fato que muitos fotógrafos são influenciados pelo trabalho de Henri Cartier-Bresson. Há quem beba da fonte e também meros copiadorees que chegam ao

extremo de buscar locações semelhantes às imagens clássicas do fotógrafo francês. Não é raro ouvir de fotógrafos reconhecidos sobre a sua influência, como também não é raro fotógrafos justificarem seu ingresso no universo da fotografia por conta da obra do genial Cartier-Bresson.

Sorte para a fotografia que Cartier-Bresson não sucumbiu às fortes tentações que o levariam às artes plásticas, afinal ele construiu seu próprio mito. Virou lenda e uma referência mundial. HCB morreu em agosto de 2004, aos 96 anos. Em 2009 serão lembrados cinco anos de ausência. Ano passado foi comemorado os 100 anos de nascimento. Quanto à sua obra, essa será eterna. Sem ele, como afirma seu biógrafo, "nossa visão de mundo seria mais pobre". Alguma dúvida disso?)

## Assouline: biógrafo, amigo e confidente

Quando o jornalista e escritor francês Pierre Assouline conheceu o compatriota Henri Cartier-Bresson e foi até seu ateliê de desenhista – e não de fotógrafo – para realizar uma entrevista, em 1994, jamais imaginou que iria lançar cinco anos mais tarde a biografia de seu entrevistado: *L'oeil du siècle*.

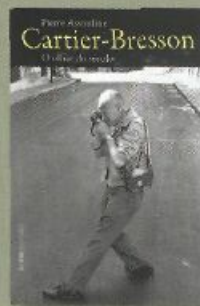
A obra foi lançada com Cartier-Bresson ainda vivo. Coisa de que ele nem queria ouvir falar. "Assim como vê as retrospectivas de sua obra fotográfica como honras fúnebres um pouco prematuras, ele concebe a perspectiva de uma biografia como a colocação de uma laje tumular", revela o autor na introdução do livro, lançado em dezembro no Brasil pela L&PM.

Autor de algumas biografias, Assouline confessa a dificuldade de retratar a vida de um contemporâneo, como no

caso de Cartier-Bresson. "É uma sensação muito estranha escrever sobre um contemporâneo. A vantagem pode se transformar em desvantagem. Entre esses dois extremos, é preciso manter o fascínio intacto sem jamais deixar de ser crítico e encontrar a distância certa entre a curiosidade e a indiscrição. Essa é a condição *sine qua non* para conseguir um retrato definitivo que não seja uma biografia apressada", afirma.

Há também a estranheza de se envolver profundamente com um biografado considerado uma lenda viva. "É curioso bater nas costas de um mito, insólito contradizer uma lenda, estranho interpelar uma instituição, arriscado criticar um clássico, audacioso corrigir um monumento". Enfim, Assouline define a biografia: "A história de seu olhar é a história de um homem que por toda

a vida, fez a mesma pergunta, 'De que se trata?', para a qual nunca encontrou resposta, porque ela não existe".



**O olhar do século**  
Autor: Pierre Assouline  
Formato: 14x21  
Páginas: 352  
Preço: R\$ 56  
Editora: L&PM